

**Moçambique 23 Out. 2013 – DIÁLOGO DAS ARMAS:
GUERRA TOTAL | actos e não-palavras!?**



«Muromo Haupi – Chinopa Maoko» (a boca não dá – as mãos é que dão). Provérbio antigo shona.

(...)“fazer a propaganda armada, dar mais atenção à acção política que à acção militar, mais à propaganda que ao combate; (...)” General Vo Nguyen Giap: nasceu 25 Agosto 1911- faleceu 04 Outubro 2013. (1).

(Reinício de citação) (...) «”servir-se das acções armadas para proteger, consolidar e desenvolver as bases políticas; caminhar assim para uma certa consolidação e um certo desenvolvimento das forças semiarmadas e armadas.

As organizações semiarmadas e armadas em questão deviam manobrar obrigatoriamente num segredo absoluto, ter centros de gravidade na sua acção de propaganda ou na eliminação dos traidores, e, na acção militar, aplicar a palavra de ordem «agir de surpresa e com rapidez, retirar sem deixar vestígios, chegar sem se deixar ver», e dirigir as possibilidades de luta legal das amplas massas.”»

[Fim de citação do texto escrito entre 1945-1954, pelo General Vo Nguyen Giap do Vietnam, estratega vitorioso de três guerras de resistência contra os exércitos invasores – japonês (1945), francês (1954) e norte-americano (1973-75)].

Na contra-ofensiva da guerrilha moçambicana à operação militar portuguesa intitulada de Nó-Górdio (1970), o então comandante-chefe moçambicano Samora Moisés Machel e seus camaradas da Frelimo, no Vietnam, obtiveram conselhos úteis do General V. N. Giap, na resistência contra os avanços militares da operação Nó-Górdio do General Kaúlza de Arriaga. Nesse contexto, a ‘bala de Kaúlza saíra pela culatra.’ A Frelimo sobreviveria e abriria novas frentes em Tete e Manica, preparando-se para entrar em Inhambane em 1973 (Mambone).

Ora, no caso recente moçambicano de Outubro de 2013, pelo evoluir da situação, infere-se de que as forças armadas moçambicanas sigam jus à letra, a estratégia do General Giap: - “As organizações semiarmadas e armadas em questão deviam manobrar obrigatoriamente num segredo absoluto.” E por seu lado pressupõe-se que o governo da República de Moçambique tenta “fazer a propaganda armada, dar mais atenção à acção política que à acção militar, mais à propaganda que ao combate;” – corolário final do esticar da corda ao xingóve - gato do mato (Renamo) para este se enforçar sozinho.

Temos vindo a analisar e a publicar sobre o evoluir da situação política moçambicana desde sempre, e de 1992 a 2013. Algo nos tem dito que a Renamo, na realidade, nunca quis menos do que o poder total – a mal ou a bem, objectivo final de sua insurgência armada de 16 anos (1976-1992).

Óbvio que do lado governamental liderado pela Frelimo, o mesmo se possa aplicar. Partilha de poder?! Utopia! Nem no actual Portugal! Eventualmente, em Moçambique, tudo estava escrito e decidido desde 1992, em Roma, e no após Roma. Era só uma questão de tempo. A estratégia belicista e de chantagem política da Renamo facilitou e legitimou o extremar da posição da Frelimo no governo “ad eterno.” O resto tem sido feito pelo pseudo-diálogo sem utilidade real, pois o diálogo subjacente foi sempre a eliminação de um pelo outro.

No concreto: uma paz estagnada no tempo e modo. Indícios tivemos em 1992, quando a Renamo se negou a integrar as forças policiais e a dismantelar a sua guerrilha em Maringué. Em termos políticos: uma situação insustentável. O elástico no pescoço do gato-bonga (Renamo) esticou demais e resiliente atingiu o mesmo gato-do-mato no regresso. Compreende-se o factor de eliminação sempre presente na Renamo. A Frelimo jamais iria partilhar o poder absoluto. Aliás, nem em parte alguma do mundo. Seria um suicídio político ou um saco de gatos.

O problema é que a única via de sobrevivência da Renamo, seria a do envolvimento, dos seus quadros, nos mega-negócios (legítimos) em parceria com o grande empresariado estrangeiro. Ir à luta da concorrência, mas por posições estratégicas de *businesses* – o único diálogo possível que provavelmente esta Frelimo aceitaria.

Agora, talvez não haja mais solução do que ‘a guerra para fazer a paz,’ protegendo os negócios internacionais e nacionais em Moçambique, dirão os mais cínicos. Aliás, as forças armadas e policiais de Moçambique, através de protocolos oficiais de cooperação militar e de segurança, têm recebido apoio institucional português no treino e preparação das F.A.D.M (Forças Armadas de Defesa de Moçambique) e a F.I.R (Força de Intervenção Rápida). A última reunião da CPLP, desse âmbito, foi feita em Maputo.

«Quando dois elefantes lutam o capim é que sofre». Este ditado africano (traduzido), poderá reflectir a presente situação de tensão psicológica vivida pelas populações em Sofala e Manica, que nada têm a ver com esta situação de disputa de poder bi-polar: - o governo de Moçambique e a Renamo – dois elefantes; as populações – o capim.

Bibliografia: (1) Giap, Von Guyen (1961). *Guerra do Povo – Exército do Povo*. Hanói: Edições em Línguas Estrangeiras. Tradução do francês para português por A. J. Massano. Porto: edições Ulmeiro, pp.97-98.

Web: DW | <http://www.dw.de/1973-termina-a-guerra-do-vietnam/C3%26A3/a-417493>

Actual Conjuntura: Canto do Cisne do comandante Dhlakama? Ou uma Nova Renamo em Processo?

Tudo indica, que os falcões da guerra em Moçambique insistem em ‘urinar gasolina para a fogueira’ da discórdia, alimentando ódios entre moçambicanos, independentemente, da região ou cultura.

No caso da decisão do senhor Dhlakama em sair do bairro rico da Sommerschild (na Polana da capital), para as matas da Gorongosa, terá sido motivado por um espírito suicida, tipo kamikaze à moçambicana, ou desespero? (Os velhos guerreiros samurais, japoneses, encurralados optavam pelo seppuku ou hara-kiri num suicídio de honra, abrindo o próprio ventre).

O que será que os conselheiros internos e externos do líder da Renamo o terão aconselhado? Será que foi em boafé, ou uma forma de isolar o grande-chefe (deles) afastando-

o dos destinos da Renamo? Isso viabilizaria uma Renamo-Renovada num pacto político, com a Frelimo, na eliminação da Renamo-guerrilha e assumindo a chefia da oposição, afastando para terceiro plano o MDM dissidente da Renamo.

Todavia, muitas questões no ar sem respostas imediatas. O futuro próximo trará as respostas. Mas uma coisa é certa: a situação em Moçambique jamais será a mesma. Foi assinada a certidão de óbito desta Renamo. Uma questão de tempo. A ‘caça às bruxas’ da Renamo será inevitável.

Do outro lado, da Frelimo, foram despertados os senhores da guerra com todo o poder de fogo. Não é por acaso que a sede da Presidência da República deslocizou-se provisoriamente de Maputo para a cidade da Beira, em Aruanga kuSena, com a presidência aberta. (JK, 23.10.13)



Sociedade & Cultura
Kraveirinya Mpfumo
Culture & Society

nº O Autarca - Jornal
Independente, Quarta-feira -
10/04/13, Edição nº 2524-
Página 3/4

**MussaMbiqe
não é a
República
Centro-
Africana**

Em Moçambique, chantagem de guerra até quando? Há anos que andamos apreensivos pela possibilidade de exploração das energias fósseis em Moçambique, e de pedras preciosas. Os ressentimentos viriam ao de cima pelos que ficaram de fora das negociatas via poder político. Não se aprendeu com Angola. O petróleo não é de cor negra - é vermelha de sangue, assim como as pedras preciosas.

EXCERTOS (...)«”Na África subsariana, mais entregue à sua sorte, recentemente, tem surgido uma mudança. A República Centro-Africana (RCA) dos diamantes e do ouro, mesmo assim, aparentemente é uma carta fora do baralho na política internacional. A França de François Hollande com receio de envolvimento neo-colonialista europeu envia uma força expedicionária de protecção aos seus cidadãos e outros europeus na RCA. (Já em processo de retirada). No entanto, esse paradigma não se adapta a Moçambique. Pois Moçambique não se enquadra em nenhum desses contextos. Infere-se que o actual governo de Moçambique seja o fiel depositário de grupos poderosos e consórcios instalados no país vindos dos continentes, americanos, europeu e asiático.

(...) O processo eleitoral pode estar enfermo, mas é a única via do povo eleger os seus representantes sem medo. (...) Moçambique corre o risco de uma intervenção militar conjunta de países da SADC, CPLP, com apoio logístico anglo-americano, francês, brasileiro e o diabo a quatro. A favor de quem, não é preciso dizer. O resto será guerra de propaganda e contra-propaganda. Aliás já (re) começou.

Conclusão: Por outro lado, como é possível continuar a existir um movimento de assento parlamentar com milícia armada nunca desactivada desde 1992? Em que parte do

mundo um governo reconhecido pela comunidade internacional de doadores, aceitaria esta situação? Muitas pessoas não têm noção do que dizem ao não reflectirem friamente pesando os prós e contras. Para tal terão de ir à origem da situação. É que a Renamo na génese da sua fundação em 1976 nunca foi opção para o problema, mas sim outro problema a juntar-se ao proclamado problema existente, de abuso de poder da Frelimo. A montanha pariu um rato.

Ora nas actuais condições em 2013, pela via da violência gratuita, substituir um pelo outro nunca será solução nem aceite internacionalmente, pela simples razão de que se instalaria um vazio de poder. Moçambique seria um palco pior do que o da actual RCA.

Com os cerca de meio milhão de estrangeiros em Moçambique estariam criadas as justificações para uma intervenção militar externa na evacuação desses expatriados, sobretudo os europeus e asiáticos. A tristeza de tudo isto é de que a maturidade política anda muito por baixo em Moçambique. A ganância do dinheiro fácil fala muito mais alto.

Pobre povo moçambicano que não merecia ter muitas das figuras públicas de que tem.» KM | A:10/04/13| nº 2524.



O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade..... Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....
Individual () Institucional ()/...../2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00